

6

Conclusão

A análise da obra do arquiteto Paulo Ferreira Santos, empreendida neste trabalho, partiu da hipótese de que em seus textos, caracterizados pela confluência de formações distintas – a acadêmica, em arquitetura, e a empírica, em história –, estariam implícitas duas intenções primordiais: estabelecer novo modo de escrever e de ensinar a história da arquitetura e do urbanismo no Brasil, e fundar uma historiografia da disciplina.

Os argumentos para demonstrar tais hipóteses, calcados dos textos do próprio autor, desdobram-se em três momentos. No primeiro, observa-se a decisão de Paulo Santos, não obstante sua formação *academicista*, de se manter à parte das duas correntes dominantes que polarizavam a maioria dos arquitetos de sua geração, porque sua posição, como historiador, era de aceitação, ao mesmo tempo, da arquitetura *moderna* e da *tradicional*. Esta posição o diferenciaria dos demais arquitetos que, como ele, atuavam na prática projetual e construtiva, mas que não se dedicaram ao estudo histórico da disciplina fomentado, no seu caso, pela implementação da cadeira de *Arquitetura no Brasil* na FNA-UB.

O fio condutor do processo de formação de Paulo Santos como historiador da matéria foi, portanto, sua atuação como docente da referida cadeira quando, então, percebeu que o ensino da história da arquitetura e do urbanismo no Brasil necessitava ser reformulado. Dada a relação dialética das atividades que desempenhava, a articulação entre tradição e modernidade, decorrente de sua visão de historiador, transpareceria em seus projetos arquitetônicos, assim como o conhecimento técnico construtivo se revelaria em sua análise histórica da arquitetura.

No segundo momento, constata-se que, ante a insuficiência de estudos teóricos e críticos para fundamentar, naquele momento, a história da arquitetura no Brasil, Paulo Santos teve que recorrer a autores que estudavam a formação do Brasil, como Capistrano de Abreu, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda e, também, àqueles poucos que analisavam a arquitetura como José Marianno Filho, Lucio Costa e Morales de los Rios Filho, além dos estrangeiros, Reynaldo dos Santos, Hannah Levy e Camillo Sitte. Do ponto de vista metodológico, ainda que indiretamente, apontamos afinidades com as concepções historiográficas de Marc Bloch e de Fernand Braudel. O motivo de ele ter evocado, ao mesmo tempo, diferentes autores poderia, num certo sentido,

parecer falta de critério de sua parte, mas se justificava pelo fato de sua visão de historiador, lhe permitir lidar com o objeto historiográfico sem emitir, *a priori*, juízos de valor. O diálogo crítico com tais autores influenciou na construção do pensamento histórico de Paulo Santos. O *tempo do historiador* em Paulo Santos aparece como uma questão nevrálgica, que fez com que fosse, às vezes, incompreendido por colegas, pelo tempo que dedicava à investigação das fontes documentais e à própria gestão de seus textos. Isto demonstra que suas pesquisas não se restringiam à reedição de idéias já divulgadas ou a simples relatório de novas descobertas, constituindo-se em genuíno trabalho crítico de historiador, que entendia a relevância da interação passado-presente para a análise do processo histórico. Este procedimento levou-o a perceber, diferentemente da maioria dos docentes da FNA, que o ingresso na Academia tanto de arquitetos tradicionalistas como de modernistas era profícuo para a arquitetura.

No terceiro momento, procura-se reconstituir o diálogo de Paulo Santos com Lucio Costa, que se tornaria seu maior interlocutor. As divergências conceituais afloradas ao longo deste diálogo resultam de diferenciados processos de trabalho, demonstrando que há muitos modos de compreender a arquitetura. Enquanto Lucio Costa é o homem dos processos e das grandes sínteses, que teoriza a arquitetura, Paulo Santos é o pesquisador minucioso e estudioso dos métodos, que se apóia nas análises estética e documental para compreendê-la. Os textos ensaísticos de um contrapõem-se aos de cunho histórico do outro, originando concepções que se refletem no próprio caráter de seus trabalhos. A visão peculiar de Paulo Santos, que fazia interagir história e arquitetura, lhe permitiu antecipar a reinterpretção do ecletismo e, por decorrência, a reavaliação dos critérios de valoração dos bens do patrimônio nacional.

Ao decidirmos trabalhar com as *construções* de história de Paulo Santos, sabíamos que seria preciso não somente analisar os textos elaborados por ele como também identificar, a partir dos mesmos, suas relações intelectuais com outros autores. Isto nos levou à necessidade de conhecer a totalidade de seus textos, muitos deles inéditos, bem como levantar sua própria história, até então não contada. Disso resultou que nosso objeto de estudo, que pretendia ser apenas a historiografia, estender-se, também, à história.

Apesar de Paulo Santos, em seu desejo de escrever obra sólida de história da arquitetura, não haver demonstrado propriamente comprometimento com um projeto de nação, o interesse em analisar a arquitetura e o urbanismo

sob a perspectiva sociocultural mostra seu envolvimento com a questão da brasilidade.

A singularidade de sua obra, definida pelas exigências do método e do ofício do historiador, revela que Paulo Santos não foi discípulo de *mestre* Lucio Costa, cuja obra tanto enalteceu, pois trilhou seu próprio caminho não apenas como engenheiro-arquiteto, mas tornando-se especialista da história da arquitetura e do urbanismo no Brasil. Como evidenciado no último capítulo, a luz emanada de seus trabalhos, caracteristicamente, de história chegou a ofuscar, sob determinados ângulos, o brilho dos consagrados textos escritos por Lucio Costa.

Além dos resultados positivos, já apontados anteriormente, como consequência de nossa pesquisa, este trabalho pretende contribuir para a história da historiografia arquitetônica e urbanística, demonstrando que Paulo Ferreira Santos foi historiador da arquitetura e do urbanismo no Brasil e, como tal, empenhado em fundar uma historiografia da matéria, condição que lhe garante merecidamente posição de destaque entre os grandes vultos que honram a arquitetura brasileira.